

Entidade: Universidade Federal de Pernambuco

Autores: Jordana Gonçalves Leão e Augusto Cesar Veloso Silva

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

Painel: “UM LEITOR ATENTO: A BIBLIOTECA CARIOCA DE DOM HELDER CAMARA”

Introdução

Quem foi Dom Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife entre 1964 e 1989? Muitas respostas já foram dadas. Algumas formuladas pelos amigos e admiradores. Outras, por ensaístas. Outras ainda, por historiadores. Ele teria sido muitas coisas... um cearense, sacerdote da Igreja Católica, principal idealizador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952, organizador do Congresso Eucarístico Internacional de 1955, quando foi criado o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), criador do Banco da Providência e da Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro dos anos 50, articulador importantíssimo no Concílio Vaticano II (1962-65), um ‘Artesão da Paz’, uma pessoa que lutou em prol dos ‘pequenos’... tantas respostas. Seria ainda preciso ao historiador debruçar-se sobre sua figura?

A História é importante à medida que ela alarga o nosso campo de visão. O historiador é sobretudo um intérprete, e existem várias interpretações. A História não é um saber que se esgota com a informação. A História não é só uma descoberta de fatos. O mais importante é dela extrair um sentido que dê sentido ao nosso viver. É fazendo uso dessa concepção de História que se tornou possível rever paradigmas e verdades, quebrar fronteiras que pareciam estáticas, e traçar um caminho que nos está levando a um Dom Helder “*por ele mesmo*”.

A novidade e importância básica desse ensaio consiste na apresentação de um Helder Pessoa Camara, reconstruído através de uma fonte inesperada, os escritos e os grifos às margens dos livros da sua biblioteca carioca. A redescoberta, em 2002, deste material absolutamente inédito e surpreendente abriu-nos a possibilidade de refazer os passos de seu amadurecimento enquanto pessoa humana. Historicizar estas anotações abre-nos a possibilidade de chegar ao homem Helder Camara, não apenas ao sacerdote, ao homem de fé, ao político, ao organizador, à personagem pública, mas a um Helder Camara mais completo, mais humano, mais profundo.

Àquele que pôde, em seu discurso de posse na Arquidiocese de Olinda e Recife, em 20 de abril de 1964, identificar “o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento” e chamá-lo de “Zé, Antônio, Severino...”. Porque era, ele também, “um nordestino falando aos nordestinos,

com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no Mundo”. Porque era, ele também, “uma criatura humana que se considera irmão de fraqueza e de pecado dos homens de todas as raças e de todos os cantos do mundo”.

O Seminarista Helder Camara

Helder Camara, Dom Helder ou, simplesmente, o Dom. Esse nome, bastante conhecido no Brasil e no exterior, muitas vezes evoca-nos apenas a figura do *homo politicus*, articulador hábil, tanto durante o Concílio Vaticano II como na “época das trevas”, que o país viveu dos anos sessenta aos oitenta do século passado, grande defensor dos direitos humanos e agente conscientizador das desigualdades. Um olhar mais atento, no entanto, permite ao historiador dividir o que parece tão homogêneo, tentando uma reconstrução, ainda que tímida, dos muitos “Helders Camaras” que existiram num só.

Começaremos tal tentativa com algo que julgamos importante para o seu desenvolvimento enquanto ser humano; a sua formação no Seminário da Prainha, em Fortaleza, entre 1923 e 1931. Deste período de seminário, encontramos três obras em sua biblioteca carioca: um Novo Testamento, uma separata do Antigo Testamento com o Livro de Tobias e outra com o livro dos Salmos (em uma edição de 1922). Esta última destaca-se pelos grifos, ali contidos em abundância. A leitura dos versículos que chamaram a atenção do jovem seminarista surpreendem o historiador, pela coerência com a biografia sucessiva de quem se tornaria mais tarde Padre, Bispo, Arcebispo e Homem Público de dimensão internacional. Valemo-nos também, para nossa tentativa de reconstrução, de outra fonte inédita, composta de três manuscritos datados de 1943, nos quais o então Padre Helder recorda-se de algumas de suas experiências significativas enquanto seminarista.

No período que trabalhamos, início do século XX, era comum entre as famílias católicas que os meninos, mesmo sem vocação, ingressassem em um seminário menor para completarem os estudos. O garoto Helder, no entanto, desde a infância parece ter demonstrado verdadeiro interesse em ser padre. João Câmara, seu pai, que era maçom, argüindo o filho sobre o assunto, questionou-o: “ – Os padres acreditam que quando celebram a eucaristia é o próprio Cristo que está presente. Você já pensou nas qualidades que devem ter as mãos que tocam diretamente em Cristo?”. Helder respondeu: “– Pai, é um padre como o Senhor está dizendo que eu quero ser”¹.

Já durante sua formação, encontram-se os primeiros sinais de sua capacidade literária: rompendo as regras do seminário, o jovem Helder dedica-se a escrever poesias. Descoberto pelo reitor, Pe. Tobias Diquit, justifica-se chamando-as de “meditações”, termo que usou durante toda a vida para descrever pequenos textos em forma poética através dos quais reagia às mais diversas situações da vida. Até hoje, foram já descobertas e transcritas 7. 547 destas meditações.

Sabemos que durante toda sua vida adulta dedicou, cada madrugada, cerca de três horas para mergulhar na intimidade de Deus. Chamava este tempo de “Vigília”. Redigiu, durante esses momentos, alguns dos seus escritos mais importantes: as “Cartas Circulares”, por exemplo. Nestas, tratou de assuntos sociais, pessoais, religiosos e políticos. O que não esperávamos era encontrar, já no livro de Salmos utilizado por Helder no seminário, grifos fazendo referência às vigílias de invocação a Deus: “[...] eu velo a invocar-vos desde o alvorecer. Minha alma está sequiosa por vós. E de quantas maneiras por vós anseia (sic) a minha carne!” (Sl 62, 2).

Pressupomos, embasados em um dos manuscrito de 1943, intitulado “Reminiscências do Púlpito”, que foi no seminário que ele desenvolveu a prática de realizar vigílias. Durante o “curso de preparatórios”, em que aprendia a elaborar sermões, o seminarista Helder Camara, com seu dom de escrever, ganhara em muitas ocasiões prêmios de literatura. Isto lhe acendeu sentimentos de vanglória: “É fácil que minha vaidade devia andar acesa. Não me arriscava a improvisos porque tinha o nome a zelar”². Havendo oportunidade para que alguém da turma apresentasse um sermão publicamente, Helder preparou-o em segredo. No dia ‘d’, porém, a expectativa de triunfo transformou-se em um fiasco, sumiram-lhe as idéias, deu-lhe um branco: “Subi ao púlpito. Lancei o texto. Senti o pasmo e a admiração dos mestres e colegas. Cascateei o exórdio de cor. E o bom Deus esperou-me para prostrar-me no chão. Empurrou-me do alto do meu convencimento e do meu orgulho. Decorara palavra por palavra, o que sempre me foi penosíssimo, se não impossível. As idéias fugiram. As palavras não vieram [...] Só mais tarde entendi o Salmo: Tu és bom porque me humilhaste”³, (Sl 118, 71). Como leitor atento, suas leituras transformaram-se em uma forma de viver e perceber o mundo e até situações constrangedoras tornaram-se lições divinas. Isso fez parte de toda uma mística que mais tarde será estudada pelo teólogo José Comblin, que o compara a Antônio Conselheiro, Padre Cícero, e outros cearenses, que desenvolveram uma vida cercado por misticismo⁴.

Dom Helder foi e ainda o é, um ponto referencial de toda uma forma de conceber a Igreja, preocupada não apenas em amenizar sofrimentos, mas disposta, de forma pacífica mas não passiva, a lutar contra as injustiças que afligem nossa sociedade. Chegamos à conclusão que é possível reconstruir as transformações em sua vida que o conduziram a isso, a uma vida de profunda espiritualidade, a um perfil de homem mais humano que político, através da leitura dos grifos e escritos da sua biblioteca.

Refazendo Caminhos

Seguindo sua trajetória e perscrutando os acontecimentos que a possibilitaram, tornou-se possível revelar o quão marcadamente profunda foi a relação estabelecida entre Helder Camara e seus livros,

no tocante à sua formação religiosa, política, cultural e sobretudo humana. Em uma “Carta Circular”, datada da madrugada de 2 para 3 de março de 1964, dirigida à “Querida Família do São Joaquim” (como ele chamava sua equipe), encontramos uma meditação que faz referência e nos elucida muito sobre como essa relação veio a estabelecer-se.

“Enquanto abro os livros rezo por seus autores. Escreveram por escrever ou lhes foi necessário deixar que as idéias brotassem em busca de diálogos?... São pensamentos repetidos, lugares-comuns acanhados de aparecer ou seiva nova que lembra ao vivo a missão audaciosa, confiada ao homem, de completar a criação?...”

Em muitos momentos é exatamente um diálogo o que se estabelece entre o autor e Dom Helder; em outros, o que encontramos são ‘pensamentos repetidos’ e um leitor com uma atenção audaciosa de ‘completar a criação’.

Na obra “Diário íntimo de una adolescente”⁵, de Anibal Ponce, na página 21, o então padre Helder Camara, ao se deparar com o questionamento do autor a cerca do valor que se deve atribuir em psicologia a um diário íntimo enquanto sinônimo de uma confissão, de uma autobiografia, de memórias, tece-nos o seguinte comentário, em 16 de janeiro de 1944: *“Problema de Psicologia: que valor possuem os diários como documentos de vida interior? Para quem os sabe interpretar valem como documentos vivos”*. É ilustrativo o fato de nos anos 40, Helder ter ministrado, por indicação de Dom Leme, cursos de psicologia para as professoras religiosas da Faculdade de Letras das Irmãs Ursulinas, o que o levou a realizar um cuidadoso estudo sobre a psicologia infanto-juvenil. Alargando nosso olhar em busca de interpretações, identificamos nessa passagem que a importância destas obras para a vida de Helder Camara vai além de uma busca do conhecimento. Estamos diante de “documentos vivos”, em certas ocasiões de verdadeiros diários, onde há espaço para reflexões do dia-a-dia, para registrar memórias que foram escritas sem que houvesse a intenção explícita de torná-las públicas. E que valor tem um diário íntimo? São documentos vivos! Em “A L'école de saint Benoît”⁶, página 33, o padre Helder, em fevereiro de 1944, faz o seguinte comentário com relação à seca cearense: *“Sofri vendo o povo sofrer. Admirei o espírito de fé e a resignação de minha gente (com sem ponta de submissão ao Destino). Curvei-me ante o mistério das desgraças coletivas. Pedi resposta ao céu, tanto mais belo quanto maior é a inclemência da seca. Voltando em 42/43 sofri muito mais do que em tempos de criança”*.

Em algumas das vezes, a importância dada à leitura ultrapassa as margens dos livros e ganha vida através de suas ações. Como negar a profunda relevância de Jacques Maritain e seu humanismo integral, “Mahatma” Gandhi e sua ação não-violenta, Martin Luther King e sua luta contra a segregação racial, Francisco de Assis e seu amor aos pobres?

A leitura dos livros sobre Francisco de Assis foram intensas e causaram profunda impressão em Helder. A “Lenda dos Três Companheiros”⁷ é de singular referência quanto às escolhas feitas por

ele como razões de vida. Na página 22, ao ler “- Se aquele homem te houvera pedido alguma coisa da parte de um importante senhor, um conde ou um barão, certamente lha teria dado; com muito mais razão devias tê-lo feito pelo Rei dos reis, o Senhor dos senhores. E comprometeu-se a jamais recusar, daí por diante, que quer que lhe pedissem em nome de tão grande mestre”, padre Helder fez o seguinte comentário: “*Como te entendo, querido Monsior!*”. Mais adiante, na página 93, em uma referência a expressão: “Assim é que, embora cercasse de respeito os prelados e sacerdotes, os nobres e os ricos, ele guardava o seu carinho para os pobres e se fazia servo de todos”, Helder completa: “*Que reserva eu possuo...*”. É possível reconstruir os passos da grande identificação dele com Francisco de Assis, no sentido de humanização, de estar mais próximo ao povo, de trabalhar com o intuito de dignificar o oprimido.

Além das obras supracitadas tivemos a feliz surpresa de encontrar muitos grifos em livros bastante conhecidos, tais como o “O Pequeno Príncipe”⁸. Em outro “Breviário”⁹, este de 1931, encontramos grifos que nos levaram a refletir sobre os caminhos que o conduziram ao episcopado, em 1952.

Descobrimos também que Dom Helder escreveu muitas de suas meditações inspirado em suas leituras. Na página 70 do “Pequeno Príncipe” estão sublinhados os seguintes trechos: “- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existe lojas de amigos, os homens não têm amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me”. Em 1961 surge a seguinte meditação:

“Não é, Pequeno Príncipe?

Caçar raposas

Aprisioná-las

Feri-las

E sobretudo matá-las

Está ao alcance de qualquer um.

Cativá-las

É impossível

Sem Ter na alma

Senso de poesia

*E frescor de infância”*¹⁰.

Não há como negar que este trecho contribui de forma determinante para a produção dessa meditação; além disso, na circular nº 35 de 1965, ele retoma a imagem do “Pequeno Príncipe” e a de São Francisco de Assis, dizendo: “Mary Poppins... e Frank são da família do Petit Prince e de São Francisco de Assis. Quintessência do espírito evangélico. [...] Que lição de bondade e de superação do egoísmo”. Esse é apenas um ‘grão de areia’ das variadas ocorrências que podemos identificar. Não é exagerado dizer, portanto, que temos em mãos documentos que nos permitirão

refazer os caminhos da criação literária de Dom Helder, historicizando-a, reconstruindo os caminhos seguidos por ele para produzir suas meditações, livros publicados e mesmo a Sinfonia dos Dois Mundos.

No Breviário de 1931, citado acima, encontramos grifos em vários Salmos, inclusive o Salmo 62 que faz referência as Vigílias, demonstrando que os grifos não eram aleatórios e sim prova de sua atenção à leitura. Encontramos alguns manuscritos, Meditação sobre os Salmos, datados de 1950, em que o Pe. Helder anota os Salmos XVII, XVIII e XXIII, identificando-os como fonte das seguintes meditações, respectivamente: Luta ao raiar da manhã, Irei depor com alegria e Faz de conta que não chegaste.

Se parece claro que a vida de São Francisco de Assis foi marcante em seu modo de viver, nós pudemos identificar outras influencias, sem contar com aquelas às quais ainda não tivemos acesso.

Conclusão

Helder Camara não fazia idéia dos caminhos que percorreria. Em 1943 ele escreveu: “Para que o Bom Deus me tirou duas vezes do nada? Digo duas vezes e digo bem: A primeira, quando me criou; a segunda, quando me fez sacerdote. Que bom pudesse realizar da melhor maneira possível, os desígnios eternos da Providência. *Ministérium tuum imple*. Enche o teu ministério! Mas enchê-lo como Senhor? Tenho vontade de dizer-te da minha parte: Tu, também, deves encher teu ministério. O verdadeiro Padre és tu. Sou teu representante e já não é pouco”. E concluiu, não sem uma ponta de pessimismo: “Passarei pela vida sem deixar nenhum sinal mais forte, marca nenhuma duradoura e inesquecível. Não escreverei a Suma Teológica, nem a Divina Comédia. Não serei S. Vicente de Paula, nem São João Bosco. Olharei de longe São Francisco Xavier sem poder imitá-lo. Mas de longe ainda São Francisco de Assis”¹¹.

Vico, falando da “divina providência”, descreve-a como sendo a “força” que põe em ordem os atos humanos, controlando seu egoísmo, permitindo assim a manutenção da ordem social. Tenha agido a “providência” de Vico ou aquela “Providência” em que Dom Helder acreditava, fato está que o homem a cujos escritos estamos tendo acesso não teve uma vida comum e viveu-a plenamente.

Acreditamos poder, através da interação dele com suas obras, utilizando-nos dos indícios que encontramos, os grifos e anotações que são diálogos consigo e com outros, refazer seu caminho até tornar-se o Dom Helder hoje conhecido. Sabemos que não existe fórmula para elucidar o intrínseco, o nato. Este estará fora do alcance de qualquer um. Desvendar porque ele tomou essa ou aquela decisão talvez esteja longe do olhar historiográfico, mas se abordarmos com especificidade suas reflexões pessoais talvez possamos compreender os caminhos que seguiu.

Será, pois, através desta documentação inédita, que está sendo depositada no Centro de Documentação do Instituto Dom Helder Camara (CeDoHC - IDHeC) que propomos reconstruir os rumos da vida de Dom Helder. À medida em que verificarmos a influência de tais obras em sua vida poderemos compreender melhor a maneira como ele marcou a História do Brasil no século XX, com toda sua humanidade e intelectualidade.

Indicações bibliográficas

PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

PONCE, Anibal. *Diário Íntimo de una Adolescente*. Buenos Aires: ed. El Ateneo. 1943.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Trad. De Dom Marcos Barbosa. 3º ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora. 1956.

JOSÉ, Benardino de S., Pe. *Os Salmos e Cânticos do Breviário*. Braga: Edição da “OPUS DEI”, 1934.

Notas:

¹ PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997. Parte 1.

² Helder, Pe. *Reminiscência do Púlpito*. Fortaleza, 23 de março de 1943.

³ IDEM.

⁴ COMBLIN, José Pe. *Espiritualidade de Dom Helder*. Recife, 02 de fevereiro de 2001.

⁵ PONCE, Anibal. *Diário Íntimo de una Adolescente*. Buenos Aires: ed. El Ateneo. 1943. Obras Completas de Anibal Ponce.

⁶ GORCE, Dr. Denys. *A l'école de Saint Benoit*. Paris: Pour Notre Temps. 1937.

⁷ FURQUIM, Roberto (org). *Lenda dos três companheiros: a vida de São Francisco de Assis narrada pelos seus discipulos irmãos Leão, Rufino e Ângelo*. Trad. de Nilson Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Stelle Editora, 1943.

⁸ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Trad. De Dom Marcos Barbosa. 3º ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora. 1956.

⁹ JOSÉ, Benardino de S., Pe. *Os Salmos e Cânticos do Breviário*. Braga: Edição da “OPUS DEI”, 1934.

¹⁰ CAMARA, Helder. *Não é, Pequeno Príncipe?* Vol.26, Medt. Nº 4040. 1961.

¹¹ CAMARA, Helder. *A Escolha de Deus*. Fortaleza, 23 de março de 1943.